



A MORADA DO PENSADOR: HERÁCLITO NA PERSPECTIVA DE HEIDEGGER

RENATO KIRCHNER¹

RESUMO: A presente reflexão assume a tarefa de procurar entender uma estória costumeiramente contada e atribuída a Heráclito. Heidegger surpreende-nos na medida em que, em sua interpretação da mesma estória na perspectiva do pensamento desenvolvido no contexto de *Ser e tempo*, é possível compreender que Heráclito não mora mesmo num lugar qualquer, pois pode ser que propriamente não mora num lugar qualquer no sentido que compreendemos usualmente. De fato, num de seus fragmentos, Heráclito diz: “A morada do homem, o extraordinário”. O extraordinário não deve ser buscado fora do lugar em que Heráclito já se encontra e mora. Sua morada é suficientemente grávida de sentido do mistério, isto é, do ser que lhe atinge em sua existência. A morada do pensador é seu *ethos*. Este *ethos* perfaz o círculo aberto-fechado como disposição de ser na abertura essencializadora de pertença já atida a uma condição primordial, qual seja, o lugar essencial do ser-aí humano.

PALAVRAS-CHAVE: Morada; Ethos; Pensamento; Heráclito; Heidegger.

ABSTRACT: The present reflection assumes the task of trying to understand a story usually told and attributed to Heraclitus. Heidegger surprises us insofar as, in his interpretation of the same story in the perspective of thought developed in the context of *Being and Time*, it is possible to understand that Heraclitus does not dwell even in any place, for it may be that there is no place in the which we usually understand. In fact, in one of its fragments, Heraclitus says: “The abode of man, the extraordinary”. The extraordinary should not be sought outside the place where Heraclitus already lies and dwells. His dwelling is sufficiently pregnant with a sense of the mystery, that is, of the being that strikes him in his existence. The dwelling of the thinker is his *ethos*. This *ethos* makes the open-closed circle a disposition to be in the essentialising opening of belonging already attached to a primordial condition, that is, the essential place of the human being-there.

KEY-WORDS: Home; Ethos; Thought; Heraclitus; Heidegger.

Começaremos nossa reflexão partindo de uma estória sobre Heráclito, registrada por Aristóteles em *Das partes dos animais* (A 5, 645 a 17s), como segue:

Diz-se (numa palavra) que Heráclito assim teria respondido aos estranhos vindos na intenção de observá-lo. Ao chegarem, viram-no aquecendo-se junto ao forno. Ali permaneceram, de pé (impressionados sobretudo porque) ele os (ainda hesitantes) encorajou a entrar, pronunciando as seguintes palavras: “Mesmo aqui, os deuses também estão presentes” (HEIDEGGER, 1998, p. 22).

¹ Professor e pesquisador do Programa de Mestrado em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: renatokirchner00@gmail.com.

Heidegger interpreta esta estória num curso sobre Heráclito realizado durante os semestres de verão de 1943/44. É importante ter presente que ele não inicia sua leitura interpretativa a partir dos fragmentos atribuídos a Heráclito, mas pela estória que acerca dele se conta e que nos foi transmitida. Heidegger também não se preocupa em procurar nesta estória um possível elemento biográfico sobre o pensador Heráclito ou mesmo no intuito de salientar possíveis novos elementos historiográficos a seu respeito. Segundo ele, esta estória “chama nossa atenção para o âmbito a partir do qual a palavra de Heráclito se pronuncia”, sendo que “só podemos compreender a ‘estória’ a partir do que pensou e disse o próprio Heráclito. E ela pode servir para chamar a atenção – diz Heidegger – de fora ‘para’ dentro dessa palavra” (HEIDEGGER, 1998, p. 22). Ou seja, importante perceber de onde Heráclito fala, procurando compreender que âmbito é este em que ele se encontra e fala o que fala.

A situação relatada por esta estória parece bastante simples e até mesmo banal: alguns visitantes vão à casa de Heráclito e, esperando encontrá-lo em profundas meditações, encontram-no simplesmente aquecendo-se junto ao forno. Parece que a constatação dessa simplicidade e banalidade de estar “apenas” a se aquecer junto ao forno impressiona e até incomoda os recém-chegados para ver o que ele faz. É por isso que, em sua interpretação, Heidegger diz:

Heráclito lê nas suas fisionomias a curiosidade decepcionada. Reconhece que – para as pessoas – basta sentir a falta de uma sensação esperada para que desistam e partam. Por isso as encoraja, convidando-as a entrar com as palavras: “mesmo aqui, os deuses estão presentes”. [...] Sua palavra lança uma outra luz sobre seu abrigo e ocupação. [...] Não é preciso evitar o conhecido e o ordinário e perseguir o extravagante, o excitante e o estimulante na esperança ilusória de, assim, encontrar o extraordinário. Vocês devem simplesmente permanecer em seu cotidiano e ordinário, como eu aqui, que me abrigo e aqueço junto ao forno. [...] “Mesmo aqui” – e justamente aqui, na inaparência do ordinário, vigora o extraordinário do aparecimento (HEIDEGGER, 1998, p. 23-25)².

Atenhamo-nos a este “mesmo aqui” enfatizado por Heidegger em sua interpretação. Segundo a forma mais completa, e que aparece na estória contada acerca de Heráclito, lê-se: “Mesmo aqui, os deuses também estão presentes”. Ao que tudo indica, o trecho complementar lança outra luz sobre o “mesmo aqui”. Ou seja, o “mesmo aqui” ganha evidência, se ilumina para nós, à medida que compreendemos de maneira grega o que significa a presença dos deuses ou os deuses como uma presença essencial.

Seguindo a interpretação de Heidegger, este “mesmo aqui” diz em sua forma complementar: “e justamente aqui, na inaparência do ordinário, vigora o extraordinário do

² Na tradução, de Emmanuel Carneiro Leão, podemos ler: “De *Heráclito* se contam umas palavras, ditas por ele a um grupo de estranhos que desejavam visitá-lo. Ao aproximarem-se, viram-no aquecendo-se junto ao forno. Detiveram-se surpresos, sobretudo porque Heráclito ainda os encorajou – a eles que hesitavam –, fazendo-os entrar com as palavras: ‘pois também aqui deuses estão presentes’” (HEIDEGGER, 1967, p. 86).

aparecimento”. Parafrazeando, poderíamos dizer: justamente aqui, em que ordinariamente os deuses não aparecem, é aí que está a força maravilhosa e bela de sua extraordinária manifestação. Portanto, o extraordinário não deve ser buscado fora do lugar em que Heráclito já se encontra e mora. Sua morada é suficientemente grávida de sentido do mistério, isto é, do ser que lhe atinge em sua existência.

Assim, este “mesmo aqui”, presente na estória contada acerca de Heráclito, nos remete para o *elemento* de nossa condição de ser. E o que diz então “elemento”? Elemento diz, pelo latim, “o princípio de alguma coisa”, mas também “ambiente”, “meio”. Sim, ao dizer “mesmo aqui”, Heráclito não está caçoando dos recém-chegados como querendo dizer-lhes algo diverso do que gostaria e até deveria. Não! Ele é sincero. Ele diz apenas a verdade. Justamente porque podemos extraviar-nos deste elemento, podemos acabar perdendo completamente o élan vital de nossa condição existencial e já não seríamos quem somos.

Assim, ao dizer “mesmo aqui”, Heráclito está dizendo: estando aqui, em minha casa, aquecendo-me junto ao forno, também e só *nisso* reside o vigor imperante e extraordinário do divino. O divino não é visto aqui como o divino de uma possível religião ou religiosidade³. O divino reside no extraordinário de, de repente, já se descobrir sendo, isto é, ex-posto, existindo. Divino mesmo é o gratuito, abrupto e inopinado fato da existência. E é *nisso* que se descobre e é *disso* que se admira Heráclito, estando simplesmente em seu abrigo, em sua *morada essencial*⁴.

Contudo, onde mais é possível encontrar uma referência a esta estória? É possível encontrar uma referência à estória mencionada nos fragmentos atribuídos a Heráclito? Heidegger considera que são estes fragmentos, legados e transmitidos a nós pela tradição, que guardam a experiência do pensamento originário deste pensador. Diante disso, vejamos como isso se manifesta num dos fragmentos. Mantenhamos nossa atenção voltada para o fragmento 119. Ele diz: “A morada do homem, o extraordinário” (ἦθος ἀνθρώπου δαίμων). Ao que

³ Cf. sobre isso os seguintes textos de Martin Heidegger: *Heráclito – A origem do pensamento ocidental. Lógica. A doutrina heraclítica do lógos*, p. 28-34; *Sobre o humanismo*, p. 85-90 e *Introdução à metafísica*, principalmente a quarta parte intitulada “A delimitação do ser”, p. 121-220.

⁴ Em sua célebre *Interpretação fenomenológica da Crítica da razão pura de Kant*, Heidegger emprega o termo latino *domicilium* (= domicílio, morada, habitação; ver também *domus* = casa, domicílio, morada) como sinônimo de *Aufenthalt* (HEIDEGGER, 1977, p. 325). Numa menção explícita a Heidegger, o filósofo Henrique Cláudio de Lima Vaz faz a seguinte advertência numa de suas publicações: “A *paisagem* é habitada pelas *coisas* que assinalam os pontos estáveis de referência na sua construção topomorfa (de *tópos* = lugar e *morphé* = forma). Elevando-se sobre o esquema topomorfo e sobre a presença das *coisas*, o mundo se constrói como *habitação* ou domicílio, lugar da presença humana (*oikos*, *oikuméne*, *domus*) e da sua permanência (*manere*, *mansio*, *maison*, *mansão*) na vastidão do espaço. É desde a perspectiva da habitação que o espaço se apresenta como ‘mundo aberto’ (*Welt*), e nele se faz presente a distinção do *próximo* e do *distante* bem como a oposição do *conhecido* e do *ignoto*” (LIMA VAZ, 1995, p. 22-23).

tudo indica, e pela reflexão que vínhamos tecendo até aqui a partir de Heráclito, este fragmento está em consonância com a estória narrada por Aristóteles. Ou seja, as três palavras que compõem o fragmento – a saber: “morada” (ἦθος), “homem” (ἄνθρώπου) e “extraordinário” (δαίμων) – acabaram sendo, e ainda são, palavras determinantes para se compreender o elemento do pensamento de Heráclito.

Qualquer conhecedor mínimo da língua grega sabe que ἦθος significa como “morada”, “habitação”, “estada”, “estância”. E isso está perfeitamente de acordo com o que já vínhamos dizendo até aqui a respeito de *morada*. Vimos que “morada” pode ser “meio”, “ambiente”, “elemento”. Desse modo, se fôssemos retraduzir o fragmento 119, então talvez viesse a nos dizer algo como: “O meio ou o elemento (= morada) é a divindade do homem” (HERÁCLITO, 1991, p. 90/91).

Todavia, as coisas não são tão simples quanto parecem. Os fragmentos de Heráclito nos expõem a inúmeras dificuldades interpretativas. Heidegger diz que, mesmo se quiséssemos pensar esta sentença de maneira grega, então seria necessário traduzi-la também gregamente. Para ele, ἦθος diz mais originariamente “estada”, “lugar de morada”.

Por isso, então, o que quer dizer propriamente ἦθος? Segundo Heidegger, o sentido mais originário desta palavra se faz presente não só em Heráclito, mas também nas tragédias de Sófocles⁵. Mantenhamo-nos na pergunta a que nos propomos: o que significa ἦθος como “lugar de morada”? Em *Sobre o humanismo*, Heidegger comenta este mesmo fragmento 119 assim:

Pois ἦθος significa estada (*Aufenthalt*), lugar de morada. Evoca o espaço aberto onde mora o homem. É a abertura da estada que faz aparecer o que ad-vém, con-venientemente, à essência do homem e, assim ad-vindo, se mantém em sua proximidade. A estada do homem retém o ad-vento daquilo, ao qual o homem, em sua essência, pertence. Isso é o que Heráclito chama de δαίμων, o deus. A sentença diz pois: o homem mora, enquanto homem, na proximidade do deus (HEIDEGGER, 1967, p. 85).

Este comentário leva-nos a repensar a essência daquilo que Heidegger chama de *Aufenthalt*, isto é, a essência da estância, da morada própria do ser humano, vale dizer, a essência do modo de ser próprio e primordial do ser humano.

Todavia, por que Heidegger emprega esta palavra e não outra para traduzir ἦθος? O que diz então ἦθος enquanto *Auf-ent-halt*? Considerando a tríplice composição desta palavra, talvez possamos descrever o que ela quer dizer da seguinte maneira: *é a estância-força de ser que se mantém aberto-fechada como possibilidade essencializadora do modo de ser do ser*

⁵ Cf. Martin Heidegger, *Sobre o humanismo*, p. 85 e *Introdução à metafísica*, principalmente quarta parte, p. 121-220, onde o pensador recorre, repetidas vezes, a Sófocles para a delimitação da compreensão do ser.

humano. Um modo certamente um tanto prolixo de dizer a experiência de pensar a nossa condição existencial. E, no entanto, Heidegger expressa esta mesma experiência através de uma só palavra: ek-sistência. Neste sentido, só o ser humano mora, só o ser humano está na estância, no meio, no elemento, no modo de ter de fazer e perfazer contínua e simultaneamente sua essência, enfim, em seu próprio ser. É isso que nós compreendemos aqui em tese como sendo o *ethos* de Heráclito, que é o *ethos* da vida e do pensamento enquanto tal. Sem isso, seria até mesmo impossível *ser e pensar* (PARMÊNIDES, 1991, p. 44/45). Este *ethos* perfaz o círculo aberto-fechado como disposição de ser na abertura essencializadora de pertença já atida a uma condição primordial, qual seja, o lugar essencial *do ser-aí humano*.

Entrementes, será esse uso, segundo Heidegger, apenas um uso fortuito e casual? Será um uso meramente linguístico? Ou estará em jogo aqui algo mais essencial? E, neste caso, o que seria, o que significaria?

Num primeiro momento, deve-se ter presente que, pela língua alemã, a palavra *Aufenthalt* pode apresentar uma ampla possibilidade significativa a partir do acréscimo ou da supressão dos prefixos e sufixos ao radical da palavra principal (apenas alguns exemplos: *sich aufhalten*, *behalten*, *Halt*, *Verhalten*, *Verhaltung*, *Verhältnis* etc.). Todavia, a variedade de formas e significados possíveis da palavra *Aufenthalt*, as quais são usadas por Heidegger, não é só um puro e simples jogo de palavras, mas aponta para uma essencial experiência do pensamento. Portanto, o que está em jogo neste jogo de palavras é a própria experiência do pensar, à medida que se busca refletir sempre de novo sobre a mais essencial força da linguagem. É notório que Heidegger faça uso frequente da palavra *Aufenthalt* e de suas respectivas formas derivadas. E isso não só ao interpretar a mencionada estória ou os fragmentos atribuídos a Heráclito, pois também é possível de ser vista em vários outros textos.

E, todavia, mesmo que saibamos que na língua alemã *Aufenthalt* diz algo como “morada”, “habitação”, “estada” ou “estância”, ainda assim, e provavelmente até por isso mesmo, será preciso compreender, e com um rigor então ainda maior, *que sentido* afinal estas palavras portuguesas possuem para a *experiência do pensar*. No intuito de aprofundar e radicalizar esta experiência, vejamos reflexivamente a relação que esta palavra alemã tem com as formas dos verbos “de-ter-se”, “de-morar-se”, “ocupar-se” e “construir” empregadas por Heidegger.

Isso pode ser visto e compreendido, por exemplo, em duas conferências pronunciadas pelo pensador alemão, em 1951, e posteriormente publicadas no livro *Ensaio e*

conferências⁶. Trata-se das conferências intituladas *Construir, habitar, pensar* (*Bauen, Wohnen, Denken*) e “... poeticamente o homem habita” (“... dichterisch wohnt der Mensch...”).

Na conferência *Construir, habitar, pensar*, Heidegger busca resgatar fenomenologicamente os diversos sentidos da palavra “construir” (*bauen*) enquanto “habitar” (*wohnen*), quer sejam eles ainda correntes na língua alemã ou não. Não se trata, como se poderia esperar, de um estudo meramente filológico-gramatical da formação histórica destas palavras e do modo como a língua alemã se apropriou delas e continua a usá-las ainda hoje. Nesse resgate do *sentido primordial das palavras*, busca-se “pensar” (*denken*) o historiar-se (*geschehen*) não só da constituição histórica das palavras, mas a própria constituição originária do modo de ser do ser-aí humano. E isso se revela exemplarmente na experiência do “construir” enquanto “habitar”. Ambas as formas apontam para uma e mesma experiência originária. É isso que podemos ler no trecho que segue da conferência *Construir, habitar, pensar*:

O que diz então construir? A palavra do antigo alto-alemão usada para dizer construir, “buan”, significa habitar. Diz: permanecer (*bleiben*), morar (*sich aufhalten*). O significado próprio do verbo *bauen* (construir), a saber, habitar, perdeu-se. Um vestígio encontra-se resguardado ainda na palavra “*Nachbar*”, vizinho. O *Nachbar* (vizinho) é o “*Hachgebuer*”, o “*Nachgebauer*”, aquele que habita a proximidade. Os verbos *buri, büren, beuren, beuron* significam todos eles o habitar, as estâncias e circunstâncias do habitar. Sem dúvida, a antiga palavra *buan* não diz apenas que construir é propriamente habitar, mas também nos acena como devemos pensar o habitar que aí se nomeia. Quando se fala em habitar, representa-se costumeiramente um comportamento que o homem cumpre e realiza em meio a vários modos de comportamento. Trabalhamos aqui e habitamos ali. Não habitamos simplesmente. Isso soaria até mesmo como uma preguiça e ócio. Temos uma profissão, fazemos negócios, viajamos e, a meio do caminho, habitamos ora aqui, ora ali. Construir significa originariamente habitar. Quando a palavra *bauer*, construir, ainda fala de maneira originária diz, ao mesmo tempo, *que amplitude* alcança o vigor essencial do habitar. *Bauen, buan, bhu, beo* é, na verdade, a mesma palavra alemã “*bin*”, eu sou nas conjugações *ich bin, du bist*, eu sou, tu és, nas formas imperativas *bis, sei, sê*, sede. O que diz então: eu sou? A antiga palavra *bauen* (construir) a que pertence “*bin*”, “sou”, responde: “*ich bin*”, “*du bist*” (eu sou, tu és) significa: eu habito, tu habitas. A maneira como tu és e eu sou, o modo segundo o qual *somos* homens sobre essa terra é o *Buan*, o habitar. Ser homem diz: ser como um mortal sobre essa terra. Diz: habitar. A antiga palavra *bauen* (construir) diz que o homem é à medida que *habita*. A palavra *bauen* (construir), porém, significa *ao mesmo tempo*: proteger e cultivar, a saber, cultivar o campo, cultivar a vinha. Construir significa cuidar do crescimento que, por si mesmo, dá tempo aos seus frutos. No sentido de proteger e cultivar, construir não é o mesmo que produzir. A construção de navios, a construção de um templo produzem, ao contrário, de certo modo a sua obra. Em oposição ao cultivo,

⁶ Não se trata simplesmente de listar aqui os possíveis textos heideggerianos em que este termo e suas respectivas variantes é empregado. O mais decisivo, porém, reside no fato de se compreender adequadamente o *sentido fundamental* nele implicado quando o pensador emprega tais termos em sua língua nativa. Trata-se de um uso privilegiado e conscientemente escolhido por Heidegger. Assim, por exemplo, em *Ser e tempo*, ao dimensionar o sentido primeiro do *ser-em* da estrutura ser-no-mundo, ele escreve: “‘em’ deriva de *innan-*, morar, habitar, deter-se (*sich aufhalten*)”; esta forma tem por sua vez o mesmo significado das formas latinas *habito* e *diligo*” (HEIDEGGER, 1988, p. 92). Ver também, a seguir, as considerações feitas a este respeito a partir das conferências *Bauen, Wohnen, Denken* e “... dichterisch wohnt der Mensch ...”, de 1951, e publicadas no livro *Ensaio e conferências* (HEIDEGGER, 2002, respectivamente p. 125-141 e p. 165-181).

construir diz edificar. Ambos os modos de construir – construir como cultivar, em latim, *colere*, *cultura*, e construir como edificar construções, *aedificare* – estão contidos no sentido próprio de *bauen*, isto é, no habitar. No sentido de habitar, ou seja, no sentido de ser e estar sobre a terra, construir permanece, para a experiência cotidiana do homem, aquilo que desde sempre é, como a linguagem diz de forma tão bela, “habitual”. Isso esclarece porque acontece um construir por detrás dos múltiplos modos de habitar, por detrás das atividades de cultivo e edificação. Essas atividades acabam apropriando-se com exclusividade do termo *bauen* (construir) e com isso da própria coisa nele designada. O sentido próprio de construir, a saber, o habitar, cai no esquecimento.

Parece que esse acontecimento refere-se a uma transformação semântica ocorrida no mero âmbito das palavras. Na verdade, porém, aí se abriga algo muito decisivo: o fato de não mais se fazer a experiência de que habitar constitui o ser do homem, e de que não mais se pensa, em sentido pleno, que habitar é o traço fundamental do ser-homem (HEIDEGGER, 2002, p. 126-128).

E, na outra conferência, intitulada “... *poeticamente mora o homem...*” podemos acompanhar a reflexão de Heidegger:

Isso decerto não diz que o poético seja apenas um adorno e um acréscimo ao habitar. O poético do habitar também não significa apenas que o poético anteceda de alguma maneira o habitar. As palavras “... *poeticamente o homem habita...*” dizem muito mais. Dizem que é a poesia que permite ao habitar ser um habitar. Poesia é deixar habitar, em sentido próprio. Mas como encontramos habitação? Mediante um construir. Entendida como deixar habitar, poesia é um construir.

Desse modo, vemo-nos agora diante de uma dupla imposição: de um lado, cabe pensar, a partir da essência do habitar, o que se designa por existência humana; de outro, cabe pensar a essência da poesia, no sentido de um deixar habitar, como *o* construir por excelência. Buscando o vigor essencial da poesia na perspectiva mencionada haveremos de adentrar a essência do habitar.

Mas aonde nós, os humanos, podemos nos informar sobre a essência do habitar e da poesia? Aonde o homem assume a exigência de adentrar a essência de alguma coisa? O homem só pode assumir essa exigência a partir de onde ele a recebe. Ele a recebe no apelo da linguagem. Mas isso, certamente, apenas e enquanto o homem já estiver atento à essência da linguagem. Todavia, circula no planeta, de maneira desenfreada e hábil, um falatório, um escrever e uma transmissão de coisas ditas. O homem se comporta como se fosse o criador e o soberano da linguagem. A linguagem, no entanto, permanece a soberana do homem. Quando essa relação de soberania se inverte, o homem decai numa estranha mania de produção. A linguagem torna-se meio de expressão. Enquanto expressão, a linguagem pode apenas ser rebaixada a simples meio de pressão. Cuidar do dizer, mesmo nessa manipulação da linguagem é, sem dúvida, positivo. Contudo, só esse cuidado não basta para nos ajudar a retornar à verdadeira relação de soberania entre a linguagem e o homem. Em sentido próprio, a linguagem é que fala. O homem fala apenas e somente à medida que co-responde à linguagem, à medida que escuta e pertence ao apelo da linguagem. De todos os apelos que nós, os humanos, devemos conduzir, a partir de nós mesmos, para um dizer, a linguagem é ela mesma o apelo mais elevado e, por toda parte, o apelo primordial. É a linguagem que, primeiro e em última instância, nos acena a essência de uma coisa. Isso, porém, não quer absolutamente dizer que, em cada significação tomada ao acaso de uma palavra, a linguagem já nos tenha entregue a essência transparente das coisas, de forma imediata e absoluta, como se fosse um objeto pronto para uso. O co-responder, em que o homem escuta propriamente o apelo da linguagem, é a saga que fala no elemento da poesia. Quanto mais poético um poeta, mais livre, ou seja, mais aberto e preparado para acolher o inesperado é o seu dizer; com maior pureza ele entrega o que diz ao parecer daquele que o escuta com dedicação, e maior a distância que separa o seu dizer da simples proposição, esta sobre a qual tanto se debate, seja no tocante à sua adequação ou à sua inadequação.

[...]

As palavras que a precedem são: “*cheio de mérito, mas...*” Isso soa dando-nos a impressão de que a palavra seguinte – “*poeticamente*” – limita o habitar tão meritoso do homem. Mas é justamente o oposto. A limitação se pronuncia na expressão “cheio de méritos” e isso quando o pensamento se estende no sentido de um “na verdade”. Na verdade, em seu

habitar, o homem se mostra digno de muitos méritos. O homem cuida do crescimento das coisas da terra e colhe o que ali cresce. Cuidar e colher (*colere, cultura*) é um modo de construir. O homem constrói não apenas o que se desdobra a partir de si mesmo num crescimento. Ele também constrói no sentido de *aedificare*, edificando o que não pode surgir e manter-se mediante um crescimento. Construídas e edificadas são, nesse sentido, não somente as construções, mas todos os trabalhos feitos com a mão e instaurados pelo homem. No entanto, os méritos dessas múltiplas construções nunca conseguem preencher a essência do habitar. Ao contrário: elas chegam mesmo a vedar para o habitar a sua essência, tão logo sejam perseguidas e conquistadas somente com vistas a elas mesmas. São os méritos que, em virtude de sua abundância, comprimem por toda parte o habitar aos limites das construções acima descritas. Disso resulta o preenchimento das necessidades habitacionais. No sentido do cuidado construtor com o crescimento, da edificação de construções e obras e da confecção de instrumentos, construir é, precisamente, uma consequência do habitar e não a sua razão de ser ou mesmo a sua fundamentação. Essa deve acontecer num outro sentido de construir. Construir, na acepção habitual, assumida, na maior parte das vezes, como exclusiva e por isso a única conhecida, traz sem dúvida para o habitar muitos méritos. O homem, no entanto, só consegue habitar após ter construído num outro modo e quando constrói e continua a construir na compenetração de um sentido (HEIDEGGER, 2002, p. 167-168).

Assim, tendo presente as citações das duas conferências, nas quais Heidegger fala tão apropriadamente do sentido do “habitar” (*bauen*), deve-se ver neste modo de habitar a primeira e mais originária constituição e realização de ser humano como ser humano. Pois ser humano não significa que a natureza já nos tenha dado “naturalmente” todas as possibilidades de ser. Ser humano é apenas uma “tendência”, um poder-ser e, neste sentido, ele carece sempre de novo de assegurar, garantir, proteger, conquistar... vida. E o que revela tudo isso? Revela uma *indigência primordial* ou uma *carência primordial*... de ser. O ser humano já sempre nasce, cresce, se realiza e morre nesta indigência ou carência primordiais. E isso porque ele possui uma tarefa de ter de ser, de vir a ser ou de realizar-se de algum modo.

Ao estudar as outras duas raízes da palavra “ser”, de algum modo, Heidegger está trazendo à fala um só e mesmo modo essencial de ser. Pois o “sou” (*bin*) – diz ele – significa originariamente “surgir, vigorar, imperar, chegar, por si mesmo, a por-se, a estar de pé e a permanecer nessa posição” (HEIDEGGER, 1969, p. 98). E isso quer dizer, de um modo ou de outro, que o ser humano não é de uma vez por todas como algo pronto e acabado, mas sempre, *enquanto é e está vivo*, melhor, *enquanto ek-siste*. Enquanto vivo, ek-siste, ou seja, carece de conquistar e manter seu próprio ser.

É dentro desta perspectiva que Heidegger procura pensar a “essência” do ser humano como ek-sistência. Vejamos o que ele diz a este respeito no contexto da carta *Sobre o humanismo*:

Supondo que nos seja permitido perguntar dessa maneira, como se conduz o ser frente à ek-sistência? O próprio ser é a conduta, porquanto ele conduz e reúne em si a ek-sistência, em sua essência ek-sistencial, isto é, ek-stática, como o lugar da verdade do ser no meio do ente. Porque, enquanto ek-sistente, o homem chega a estar nessa conduta, em que o próprio ser se destina, na medida em que o homem o suporta ek-staticamente, isto é, na medida em que o homem o assume na cura, por isso, em primeira aproximação, ele desconhece o mais

próximo e se atém ao menos próximo. Pensa até que o menos próximo do mais próximo, e, ao mesmo tempo, mais distante, para o pensamento comum, do que o que para este pensamento é o mais distante, é a própria proximidade: a verdade do ser (HEIDEGGER, 1967, p. 53).

Todavia, poderíamos perguntar: como pensar este *modo essencial de ser* (= *ek-sistência ek-stática*) a partir da relação anteriormente tematizada, isto é, *Aufenthalt* enquanto ἦθος? *Aufenthalt* enquanto ἦθος diz respeito a uma estância tão radical, tão essencial, ou se quisermos, tão próxima ao mesmo tempo de nós mesmos, que é justamente por isso que normalmente não é vista e percebida, sendo então não-vista ou até des-vista. É o que acontece, por exemplo, na estória contada a respeito daqueles que vão à casa de Heráclito. Para compreender isso que constitui a essencialidade do real – isto é, *Aufenthalt* enquanto ἦθος – é preciso um *distanciamento necessário*.

E para que este distanciamento? Distanciamento não diz aqui necessariamente afastamento ou esquecimento. A distância é necessária à medida que ela, por assim dizer, nos devolve e coloca em sintonia com a nossa condição essencial de ser, que é *ser já sempre sob um modo de ser*, isto é, *ser primordialmente* (= *ek-sistir*) *para poder ser sob um determinado e possível modo de ser*.

Desse modo, distanciando-nos devida e suficientemente, talvez seja possível que esta estância essencializadora do real se apresente, se mostre, se desvele, isto é, é possível então habitarmos, morarmos, ater-nos e permanecer na mirada da estância, da morada, e, estando então ad-mirados diante do extraordinário do inaparente, como diz Heidegger, talvez seja possível que esta mirada se torne o centro gravitacional em torno do qual e a partir do qual tudo o que realizamos e empreendemos possa ser visto com “outro olho”, que é o “olho da mirada”, o “olho da morada”, isto é, o “olho de nossa condição primordial de ser”, que é já ser sob um modo possível de ser. Nossa morada, neste caso, já não será então simplesmente um “ambiente” constituído por paredes, teto e cobertura mas, em todas as nossas idas e vindas, em todos os nossos empreendimentos e realizações, ponto de partida e ponto de chegada. *Ela será então a referência das referências por remeter-nos continuamente para a essência de nós mesmos, isto é, para a gênese do real que sempre já somos dessa ou daquela maneira.*

Porém, estranha e curiosamente, ainda perguntamos: será mesmo isso a nossa morada ou será outra coisa? Que é isto, então, a “morada”? Que é isto, a “outra coisa” da casa como a essência ou o fundamento da casa?

Na morada enquanto *Aufenthalt*, isto é, ἦθος, não está em jogo apenas e somente a construção com paredes, teto e cobertura. E isso não por que, neste caso, a morada, isto é, a

casa já não significa apenas o lugar *para* onde diariamente nos recolhemos a fim de nos abrigar contra a natureza que continuamente nos ameaça (da noite, do frio, do sol, das intempéries...). E, todavia, o fato de podermos nos pronunciar a respeito deste *para...*⁷, através do qual costumamos nos relacionar com as coisas, no caso, com a casa, não é propriamente da casa que se fala, mas, apesar disso, esta fala ainda resguarda uma relação originária conosco mesmos: os entes que habitam ou moram... sobre a terra. Este *para* possui então uma *estrutura transcendental*, sendo, portanto, revelador daquilo que continuamente precisa ser reconquistado como tarefa nossa. Mas, por exemplo, quando se diz que a casa é *para* dormir e descansar, que ela é *para* nos reunirmos com a família, os amigos, que ela é *para* estar a sós conosco mesmos... este *para* possibilitador de sentido permanece resguardado.

Mesmo na experiência mais concreta de todos os dias, este “para” remissivo se revela de múltiplos modos. Assim, por exemplo, nós voltamos *para* casa e dela partimos todos os dias. Mesmo quando dela não saímos, a cada amanhecer tudo recomeça – e isso, independentemente, da casa “em si”. Ou ainda: mesmo quando se mora num hotel ou num barraco, estes “abrigos” ainda continuarão sendo nossa “casa”. E, até mesmo para quem já se habituou a viver ao relento, esse modo de viver pode e até deve significar “morada”.

E por que isso? Ora, este resguardo, este cuidado pela morada nada mais é que o *cuidado conosco mesmos*. Cuidamos da morada porque é vital e essencial cuidar de nós mesmos. Mas com isso não se quer dizer que a morada necessariamente tenha de ser continuamente reformada, restaurada, construída. Pois mesmo que isso possa se fazer necessário em algum momento – o que então a faz e torna ainda mais morada! –, ela carecerá de cuidados constantes porque nós jamais poderemos dispensar e descuidar de nossa própria essência e é por isso justamente que é preciso reformá-la, restaurá-la, construí-la, em suma, *cuidar* dela. Tanto é assim, que casa habitada é sinônimo de casa cuidada e ela será tanto melhor cuidada quanto mais própria e essencialmente for habitada no sentido que vem implícito na estória contada acerca de Heráclito, estando ele “simplesmente” em sua casa aquecendo-se junto ao forno. É que forno não é meramente algo já dado, pronto, acabado de antemão. Junto ao forno é o “lugar” em que se realiza, se tece e acontece sua existência. Por

⁷ Para entender adequadamente como Heidegger compreende a estrutura existencial do “ser-para” (*Um-zu*) da circunvisão (*Um-sicht*), ler principalmente o § 15 de *Ser e tempo*, intitulado “O ser dos entes que vêm ao encontro no mundo circundante” (HEIDEGGER, 1988, p. 108-114). Neste contexto, ao descrever a instrumentalidade dos entes da mundanidade circundante, Heidegger diz que “os gregos possuíam um termo adequado para dizer as ‘coisas’: πράγματα, isto é, aquilo com que se lida (πράξις) na ocupação. Eles, no entanto, deixaram de esclarecer ontologicamente, justamente o caráter ‘pragmático’ como ‘meras coisas’” (HEIDEGGER, 1988, p. 109).

isso é tão vital, tão essencial não descuidar, não se distrair com outras coisas que encubram este cuidado, este modo de ocupação vital.

E, todavia, tudo isso parece ser até mesmo uma constatação bastante banal e corriqueira e, sendo justamente *radicalmente cotidiana*, tem por isso seu *enraizamento no dia-a-dia* de nossas vidas, de nossas lidas, enfim, em tudo que fazemos ou deixamos de fazer! Tudo isso pode não passar de uma mera aparência ou ilusão, contudo, para perceber e descrever a simplicidade deste *fato*, requer-se um distanciamento devido. Requer-se um distanciamento, isto é, um desprendimento e afastamento devidos, a partir dos quais é possível descrever a fenomenalidade da existência *enquanto acontece* (SCHUBACK, 1988, p. 98-99).

Este ser-já-sempre-no, por nós assim caracterizado, foi chamado de um já-ser *enquanto* fato bruto da existência (SCHUBACK, 1998, p. 115-116). Fato bruto da existência é uma das expressões mais apropriadas para este ser-já-sempre-jogado-no-mundo, isto é, no *fato dos fatos*, o qual requer que nós de alguma maneira lhe demos uma feição, uma forma, mais precisamente ainda, uma de-terminação, uma de-limitação, uma de-finição.

Mas o que diz aqui mundo? Mundo é sempre uma possibilidade concreta de ek-sistência humana. Uma possibilidade *na e desde a qual* já se nasce, já se cresce e já se morre a cada vez como, por exemplo: *no* mundo dos filósofos, *no* mundo da física, *no* mundo da astronomia, *no* mundo da geografia... enfim, sempre *num* mundo! *De fato, não tem como não ser... no mundo!*

Em *Sobre o humanismo*, ao falar a respeito do ser-no-mundo enquanto ser-em e de como esta estrutura fundamental deve ser compreendida no contexto de *Ser e tempo*, Heidegger diz:

O pensamento constrói na casa do ser. Nessa, e como tal, as juntas do ser dis-põem numa con-juntura, sempre de acordo com o destino histórico, a essência do homem a morar na verdade do ser. Esse morar constitui a *essência* do ser-no-mundo (cf. *Ser e tempo*, p. 54 [original alemão] e p. 92 [tradução brasileira]). A indicação que aí se faz do “ser-em” como sendo “morar” não é um simples jogo etimológico. A referência, feita na Conferência de 1936, à palavra de Hölderlin, “cheio de méritos, todavia, é poeticamente que mora o homem sobre essa terra”, não é enfeite para um pensamento, que se salva, fugindo da ciência para a poesia. Falar-se de casa do ser não é uma transposição da imagem da “casa” para o ser mas é a partir da essência do ser, pensada devidamente que, um dia, poderemos então pensar o que é “casa” e “morar” (HEIDEGGER, 1967, p. 90-91).

De um modo geral, e pelo que se tentou dizer até aqui, esta citação fala por si mesma, isto é, fala do modo primordial e essencial em que o ser humano *mora, habita (hält sich auf)*. Este modo é apresentado por Heidegger em sua analítica existencial *como* ser-no-mundo, sendo que é esta a estrutura fundamental de um pensamento que busca pensar a “essência” do ser humano *enquanto* ek-sistência. Por isso, numa outra célebre passagem de *Sobre o*

humanismo, muitas vezes citada mas tão raramente pensada em sua radicalidade, diz Heidegger: “O homem não é apenas um ser vivo, que, entre outras faculdades, possui também a linguagem. Muito mais do que isso. A linguagem é a casa do ser. Nela morando, o homem ek-siste na medida em que pertence à verdade do ser, protegendo-a e guardando-a” (HEIDEGGER, 1967, p. 55).

Dentre a volumosa obra heideggeriana, esta é certamente uma das passagens muito comumente citadas como também muitas vezes impensadas. E isso acontece por uma razão em geral bastante simples e elementar, qual seja: por ser, na maioria das vezes, apenas “mais uma” citação “interessante” e “bonita”. Não raro, portanto, costuma-se encontrar a citação de frases como “a linguagem é a casa do ser”, por exemplo, não passando, porém, de uma “frase de efeito”, “frase solta” que, no fundo, não faz jus ao pensamento em questão.

E por que não? É que não se trata de citar meramente “um pensamento”, achando que assim já se está também e ao mesmo tempo na sua propriedade. Para *morar* nesta chamada propriedade é necessário apropriar-se, isto é, aproximar-se e familiarizar-se de algum modo de seu pensamento, que é um modo radical de *morar na linguagem do ser*. E isso não se ganha de graça, ocasional e fortuitamente. Pelo contrário, exige empenho e dedicação continuadas e, diga-se, isso acontece na maioria das vezes de modo silencioso ou silenciado.

Tendo sempre presente esta última advertência, deixemos generosamente reverberar o que tentamos dizer acima através do poema de Fernando Pessoa:

A ESPANTOSA realidade das cousas
É a minha descoberta de todos os dias.
Cada cousa é o que é,
E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,
E quanto isso me basta.
Basta existir para ser completo.
Tenho escrito bastantes poemas.
Hei de escrever muitos mais, naturalmente.
Cada poema meu diz isto,
E todos os meus poemas são diferentes,
Porque cada cousa que há é uma maneira de dizer isto.
[...]
Uma vez chamaram-me poeta materialista,
E eu admirei-me, porque não julgava
Que se me pudesse chamar qualquer cousa.
Eu nem sequer sou poeta: vejo.
Se o que escrevo tem valor, não sou eu que o tenho:
O valor está ali, nos meus versos.
Tudo isso é absolutamente independente de minha vontade (PESSOA, 1986, p. 173-174).

Para encermos este percurso de uma maneira ainda mais reflexiva, parece ser de bom alvitre remeter-nos ao § 36 de *Ser e tempo*, onde podemos ler de Heidegger sob o título “A curiosidade”:

A curiosidade nada tem a ver com a meditação que admira os entes, o θαυμάζειν. Ela não se empenha em se deixar levar para o que não compreende através da admiração, do espanto. Ela se ocupa em providenciar um conhecimento apenas para tomar conhecimento. [...] A curiosidade está em toda parte e em parte alguma. Este modo de ser-no-mundo desentranha um novo modo de ser da presença cotidiana em que ela se encontra constantemente desenraizada (HEIDEGGER, 1988, p. 233).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- HEIDEGGER, Martin. *Heráclito: A origem do pensamento ocidental*. Lógica. A doutrina heraclítica do lógos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998.
- HEIDEGGER, Martin. *Phänomenologische Interpretation von Kants Kritik der reinen Vernunft*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1977.
- HERÁCLITO. *Os pensadores originários*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. *Antropologia filosófica II*. 2. ed., São Paulo: Loyola, 1995.
- PARMÊNIDES. *Os pensadores originários*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- PESSOA, Fernando. Poemas inconjuntos (1913-1915), in: *O Eu profundo e os outros Eus*, 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. Arte e técnica, in: *Revista Filosófica Brasileira*, vol. IV, n. 2, out. 1988, Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia/UFRJ, 1988.
- SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. *O começo de deus*. Petrópolis: Vozes, 1998.